

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

ALFABETIZAÇÃO: UM PROCESSO EM CONSTRUÇÃO

SAMARA PINHO MORAES

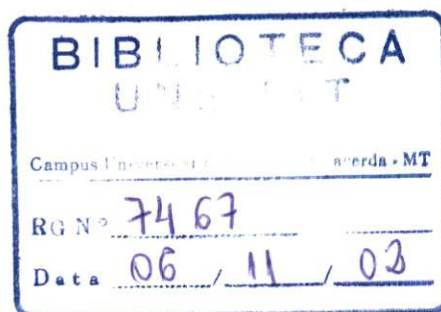
37
M827a
Ex1
C92569752

PONTES E LACERDA, AGOSTO DE 2002

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

ALFABETIZAÇÃO: UM PROCESSO EM CONSTRUÇÃO

Ensaio Monográfico apresentado à
UNEMAT/Campus de Pontes e Lacerda
como requisito final para a obtenção do
grau de Licenciada em Letras, sob a
orientação da professora Roseli Ferreira
Lima.



Pontes e Lacerda, agosto de 2002

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, que me apoiaram e estiveram comigo no decorrer desses quatro anos, aos meus dois irmãos e, em especial, à minha orientadora Roseli Ferreira Lima.

LUIZ CARLOS CAGLIARI

"A alfabetização é uma das coisas mais importantes que as pessoas fazem na escola e na vida".

EP.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
CAPÍTULO I	
O Início da Educação Infantil no Brasil.....	7
CAPÍTULO II	
Leitura e Escrita.....	9
CAPÍTULO III	
Alfabetização.....	12
CAPÍTULO IV	
Método.....	15
CONCLUSÃO.....	21
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO.....	23
ANEXOS.....	24

INTRODUÇÃO

A finalidade desta pesquisa é mostrar a importância do ato de ler quando uma criança está sendo alfabetizada, mesmo porque a leitura faz parte de nossa vida é um tipo de desenvolvimento que faz com que crescamos e passemos a enxergar o mundo com outros olhos. É a terapia, o divertimento, é a busca do conhecimento, mas isso não acontece de uma hora para outra, levam horas, dias, meses, anos, ou até mesmo uma vida. É com o passar do tempo que aprendemos a ler, e aprendemos lendo.

A partir desses estudos, temos hoje muitas mudanças, propostas, métodos novos e, mais do que isso, temos novos caminhos e melhores expectativas na formação de nossos alunos, sendo mais importante o método que representa a conclusão de um processo de argumentação, que revele ao aluno que este deve fazer algo de determinado modo e não de outro.

Esta é, pois, mais uma pesquisa que se propõe a uma reflexão sobre o tema tão polêmico em questão alfabetização, ou seja, “alfabetizar é ensinar alguém a ler, ou melhor, decifrar a escrita”. Sendo a decorrência disso a escrita para que o leitor compreenda o que está escrito, não basta decifrar os sons da escrita nem descobrir os significados individuais das palavras, pois o prazer e a segurança para a leitura despertará o interesse pela escrita.

CAPITULO I

O INÍCIO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

A educação infantil desde o início do descobrimento do Brasil passou por dificuldades e preconceitos por partes de seus governantes, um exemplo foi no surgimento das primeiras creches, com intuito de ajudar as mães que trabalharam e não tinham com quem deixar seus filhos, sendo a creche um complemento da escola primaria, um conjunto das instituições educacionais de um país, vejamos o que Moyses Kuhlmann Jr. aborda: “O jardim de infância cumpriria um papel de “moralização” da cultura infantil, na perspectiva de educar para o controle da vida social” (MOYSES KUHLMANN JR: 475-476).

Com isso surgiram assim várias instituições e a “ proteção a infância” ganha um ímpeto em relação ao momento em que vive com a ajuda de educadores, políticos, médicos, juristas e religiosos para a fundação de novas instituições educacionais para crianças pequenas, notamos isto nesta citação: “ Cuidemos da infância de nossa pátria” (KUHLMANN : 477).

Um século depois de sua chegada ao país, a educação infantil brasileira começa a viver um processo de expansão, com esse crescimento as creches e as pré-escolas passariam a compor os sistemas educacionais a Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394/96. Sendo assim muitos educadores procuram aprimorar seu perfil

profissional, tendo como requisito o respeito à criança da educação infantil, diante de várias evidências precárias das creches e pré-escolas, as novidades do presente mais parecem substituir as sombras de um passado do que transformá-lo, nota-se em: “Uma nova era para a situação da infância brasileira”, sente-se no ar cheiro de mofo” (KUHLMANN: 493).

Prosseguiremos falando sobre a leitura que é tão importante em nossas vidas, mesmo porque desde criança já fazemos uma leitura do ambiente em que vivemos, da casa, da família, dos irmãos e amigos e do mundo em que fazemos parte, é uma leitura do contexto deste universo linguagem que existe em cada um de nós, é isso o que Paulo Freire aborda “A leitura do mundo procede a leitura da palavra”.

CAPITULO II

LEITURA E ESCRITA

Com a escola republicana, ler e escrever são simultâneas, estão juntas, entrelaçadas um ao outro, se uma criança aprende a ler com certeza ela sabe escrever vejamos o que nos diz: “ Mas é no século XIX que essas duas práticas começam de fato a ser vista de modo associado, como duas faces da mesma moeda” (BARBOSA, 1990:18).

Ler e sonorizar a escrita, o leitor no seu processo de desenvolvimento da alfabetização permite a transformação de sinais gráficos em sinais sonoros, conseguindo identificar cada palavra escrita, mesmo aquelas cujos significados eles não conheçam, apresentaremos o exemplo:

“(…), ler e escrever é um comportamento complexo, que pode ser subdividido em uma cadeia de comportamento simples, através do controle de respostas obtidas a partir dos estímulos apresentados, progressivamente, a criança aprende a ler e escrever”

(BARBOSA, 1990:70)

Ler é uma atividade voluntária de cada indivíduo, dependendo das situações em que o leitor se defronta ele deve mobilizar estratégias adequadas, tendo a leitura

muitas faces informar, consultar, refletir e distrair. É preciso entender, que a leitura é sempre a elaboração da informação, variando somente a intenção do leitor, vejamos:

“(...) ler é uma atividade que se inscreve no interior de um projeto é por isso que a leitura é, por natureza, flexível, múltipla, diversa (...) Aprender a ler é aprender a explorar um texto, lendo ou rapidamente, aprendendo da intenção do leitor.”

(BARBOSA, 1990:123)

Podemos dizer que toda criança que aprendeu a falar tem também desenvolvimento e capacidade para aprender a ler, com o apoio de um adulto, essa criança poderá descobrir que a leitura lhe permite viver experiências. No texto ela experimentará sentimentos de alegria, tristeza, medo, angústia e encantamento: “O adulto mediador da leitura é interprete de um mundo repleto de aventuras que permitem à criança alargar as fronteiras do seu próprio mundo” (BARBOSA, 1990:136).

Pesquisar o que os alunos pensam, saber trabalhar a sua personalidade, pois o seu jeito de ser nada tem a ver se ele é relaxado, lento ou preguiçoso, estes comportamentos nem sempre querem dizer se o aluno não sabe, não aprendeu nada, ou que o aluno que está quieto, calado e presta atenção às aulas sabe tudo. É necessário com que o professor entenda que a criança é um ser ativo, pronto para aprender tudo o que lhes interessa, em todas as circunstâncias. “A leitura do mundo é algo que todo ser faz graças à racionalidade”. Por isso, toda pessoa precisa estar lendo o mundo e procurando entendê-lo e isso, cada um faz de acordo com seu modo de ser e da sua personalidade, ou seja, o que é importante para uns para outros não o é, nota-se isso no que Luiz Carlos Cagliari:

“Alguns ter descoberto só agora que as crianças pensam, que tudo o que fazem reflete uma decisão pessoal, resultante de uma reflexão (...) todos os acertos e erros das crianças trazem por trás de si hipóteses que levaram a criança a tomar determinada decisão e fazer algo de um certo modo não de outro.”

(CAGLIARI, 1990:247-248)

No processo de alfabetização não existem receitas prontas acabadas. O que existem são métodos que o professor usa de acordo com a realidade de cada criança.

CAPITULO III

ALFABETIZAÇÃO

Continuaremos falando agora da alfabetização que passa por muitos momentos de êxitos e fracassos na finalidade de garantir a todos, o direito e o acesso à escola. Mas na verdade o que era direito para todos só alguns tinham esse acesso e os filhos da classe dominante eram alfabetizados com professores particulares no ano de 1789, com quase um século depois em 1880 que esta estabeleceram obrigatoria a escola pública gratuita dando oportunidade a todos, vejamos: “(...) somente as crianças cujos pais pudessem custear um preceptor eram iniciadas na arte de trocar as letras no papel” (BARBOSA, 1990:16).

A educação passa a ser vista, pelos pais, como uma esperança para seus filhos, na preocupação de poupá-los de trabalhos rudes e pesados, pensando em algo que fosse melhor e que ganhasse mais, crescendo o número de alunos nas escolas e o sonho de ser um cidadão alfabetizado.

Para os primitivos a alfabetização significava saber ler os símbolos e assim ser capaz de escrevê-los, mas a necessidade desse povo aumentou consideravelmente, o que obrigou-os a abandonarem o sistema de símbolo, que representassem os sons da fala. A humanidade descobriu que as formas gráficas,

figurativas ou não, para representar palavras ou frases ou mesmo histórias, era um passo fácil de ser dado é isto o que Luiz Carlos Cagliari aborda:

“A humanidade descobria assim que, quando uma forma gráfica representa o mundo, é apenas um desenho, mas, quando representa uma palavra, passa a ser uma forma escrita”.

(CAGLIARI, 1999:14)

Os alunos alfabetizavam-se aprendendo a ler algo escrito e depois copiados muitos outros aprendiam a ler sem ir para a escola. A curiosidade era outro fator que levava muitos a aprenderem a ler, para lidar com negócios, comércio e até mesmo para ler obras religiosas ou obter informações culturais da época. Conforme comprova-se que “Para quem sabe ler, escrever é algo que vem como consequência” (CAGLIARI, 1999:15).

Com o uso da imprensa, o público aumentou o interesse pela leitura, agora a preocupação era voltada não só para um público coletivo, mas sim mais individual, com isso a alfabetização teve sua importância surgindo assim as primeiras cartilhas. Apesar de todas as interferências recentes no processo de alfabetização e as mudanças que estão acontecendo, embora de forma lenta, mas digamos que razoável, a prática escolar mais comum em nossas escolas, ainda, se apoiam nas cartilhas tradicionais “o livro didático”, só mudou o nome, mas o método é o mesmo, “a cada ano com nova roupa e maquiagem” (CAGLIARI, 1999:31).

As cartilhas representam a prática de métodos mecanicistas, bons para adestramento, condicionamento, mas muito ruim para quem quiser usar a reflexão para construir o conhecimento, tudo vem pronto para o aluno: “O método das cartilhas procura uma homogeneização que destrói a iniciativa individual, partindo da princípio de que educar é fazer com que todo o mundo saia da escola exatamente com a mesma cara” (CAGLIARI, 1999: 98).

CAPITULO IV

MÉTODO

Cada professor terá de traçar seu caminho de trabalho e não apenas soluções prontas e acabadas, mas isso não o impede que seu trabalho seja sem a cartilha e sem o ba-be-bi-bo-bu, é claro que esse não deve ser o modo ideal a ser seguido, pois adotá-lo estaria escravizando a ela.

O professor deve adotar um método, porém este método não resolve todos os problemas educacionais que ele enfrenta e também seus alunos, mas o processo educativo depende do método adotado: “um método não é uma panacéia que resolve os problemas educacionais” (CAGLIARI, 1999:60).

Para que o alfabetizando aprenda a ler são necessárias alguns conhecimentos, ou seja, é melhor começar o processo de alfabetização ensinando o alfabetizando a decifrar a escrita, do que a escrever, depois que ele aprendeu a ler, poderá tentar escrever. No entanto o professor quando é de fato competente, sabe o que fazer, mas se não tem essa competência técnica, a única saída é o livro didático, usando um método pré – estabelecido para sua prática em sala de aula, e isso só vai juntar os problemas que esses métodos trazem e mostrar de forma clara sua incompetência.

Quando o educador é um bom conhecedor da matéria que leciona, ele tem um jeito particular de ensinar, assim como os alunos têm seu jeito de aprender. Essa heterogeneidade, é fundamental em toda o processo educativo. Embora alguns

órgãos públicos partem do princípio que todos os professores devem ensinar as mesmas coisas, para que quando o aluno mude de escola continue o processo anterior. Eles não percebem que o aluno tem de se adaptar a realidade do momento em que está vivendo, nota-se em: “(...) cada momento revela algo novo e surpreendente. A educação deve formar pessoas diferentes, não clones, réplicas intelectuais” (CAGLIARI, 1999:109).

A competência técnica do professor alfabetizador deve-se apoiar em sólidos e profundos conhecimentos lingüísticos e dos sistemas de escrita, de matemática, ciências e outros. A escola precisa saber dosar todos esses conhecimentos e só assim formará primeiro o professor, que saberá exatamente como profissional o que fazer e porque fazer, de um jeito ou de outro alfabetizar o seu aluno. A nossa realidade seria outra totalmente diferente, não só diminuiria o analfabetismo, como também pessoas que foram, de fato, mal alfabetizadas seriam alfabetizadas, é o que defende: “Nenhum método educacional garante bons resultados sempre e em qualquer lugar, isso só se obtém com a competência do professor” (CAGLIARI, 1999:34).

Um professor que passou vários anos em sala de aula tem uma experiência de vida muita rica, que pode e deve ser aproveitada, este educador só foi alfabetizado em um sistema educacional falho, mas que pode ser eficientemente corrigido. Aos poucos ele pode ler livros, fazer cursos e trazer esses conhecimentos para sua prática de sala de aula e obterá resultados. O professor estará refletindo sobre suas próprias dificuldades e descobrindo formas de superá-las procurando uma solução para professor e aluno, vejamos: “(...) o professor pode ir lendo livros de lingüística geral ou

de áreas particulares (...) e verificando onde entram na sua prática de sala de aula e quais as conseqüências que eles trazem” (CAGLIARI, 1999:132).

Uma das tarefas importantes da lingüística aplicada são as pesquisas para a formação do professor e divulgação na área de produção de textos, levando o mesmo a fazer escolhas didáticas mais adequadas e a refletir nas propostas das produções de textos de seus alunos criando um leitor eficiente e de espírito crítico, nota-se:

“A leitura e a escrita são movimentos complementares no desenvolvimento da competência textual do redator aprendiz: a sensibilização, através da leitura, para os traços específicos de cada tipo de texto contribui para que o aprendiz venha a construir seus textos de forma adequada, com eficiência e espírito crítico” .

(DIONISIO, 2001: 88)

O professor deve trabalhar textos com seus alunos, esses discente devem estar envolvidos, pois a alfabetização deve estar dentro do seu contexto, da sua realidade e necessidade, então, só assim o alfabetizando terá habilidade de produzir textos sem medo de dizer o que pensa e sem medo de errar, no entanto o objetivo maior da prática de produção de textos na alfabetização é ensinar os alunos a passarem seus conhecimentos sobre a linguagem oral para a forma escrita, mas isso é o que não acontece, o professor passa textos chatos, sem graça, sem nenhum valor literário e no fim de tudo o aluno é obrigado a suportar a falta de originalidade do professor de quem o alfabetizando esperaria coisa melhor: “São textos sem graça insípidos, até certo ponto, idiotas, quando apresentados por um livro didático ou por um professor, de quem o aluno esperaria coisa bem melhor” (CAGLIARI, 1999: 225).

O problema de nossas escolas não está somente na alfabetização, no ensino da leitura e da escrita, infelizmente alguns professores jamais pensam como ^{está} seu aluno, quais suas dificuldades, seus pensamentos, os métodos que são aplicados, de que forma o seu aluno recebe, o professor passa o ano todo lendo livros didáticos, resolvendo exercícios, passando cópias, ditados e a educação fica reduzida a esse ritual de reproduzir um modelo já visto é o que Luiz Carlos Cagliari aborda: “O problema de nossas escolas não está somente na alfabetização (...) talvez o problema mais grave seja não ensinar a estudar” (CAGLIARI, 1999:162).

Em se tratando de linguagem, é preciso distinguir o certo, o errado e o diferente. A língua vive em função do seu falante, ou seja, falamos de acordo com lugar onde nascemos, crescemos ou vivemos, isso também depende da faixa etária, social e cultural que fazemos parte, sendo assim, a linguagem oral é um fato social, mas a escrita é uma só para todas. No seu livro “Alfabetizando sem o Bá – Bé – Bi – Bó – Bu”, Luiz Carlos Cagliari diz que “somos falantes de um dialeto, mas somos ouvintes de todos os dialetos (...) aprendemos antes a ouvir e a entender do que a falar (CAGLIARI, 1999: 254).

Isso acontece com a criança, ela ouve o som da palavra, ela passa a conhecer a palavra e com isso ela escreve, portanto a leitura vem primeiro, depois a escrita. Nenhuma pessoa aprende a escrever simplesmente copiando ou imitando. É preciso muito mais. A criança sente-se tão frustrada quanto o adulto que sabe escrever e ler e ela não. “A criança tem consciência de que não sabe escrever, porque tem consciência de que não sabe ler” (CAGLIARI, 1999: 266).

No dia-a-dia podemos observar o quanto é interessante a aprendizagem de uma criança, pois ela não espera que alguém lhe diga quando deve começar a aprender alguma coisa. Ativamente ela constrói seu mundo e organiza seu pensamento. Assim, aprende a falar, a se locomover, a ler e escrever. Na sua convivência com a língua a criança aprende à sua maneira e conforme suas possibilidades e necessidades, portanto a criança é mais fácil de ser alfabetizada, mesmo porque ela tem mais tempo disponível para dedicar-se à aprendizagem, dentro e fora da escola é o que Emília Ferreiro aborda: “As crianças são facilmente alfabetizáveis, foram os adultos que dificultaram o processo de alfabetização” (FERREIRO, 1999: 17).

Já se sabe que o segredo da alfabetização é a leitura. Alfabetizar é na sua essência, ensinar alguém a ler, ou seja, a decifrar a escrita. Escrever é uma decorrência desse conhecimento. “Na alfabetização, a leitura como decifração é o objetivo maior a ser atingido” (CAGLIARI, 1999: 312).

Um dos objetivos da alfabetização, é que a criança deve alcançar “o prazer da leitura” que ela tenha esse interesse e que seja capaz de expressar-se por escrito, uma criança que cresce em famílias, onde há pessoas alfabetizadas e onde ler e escrever são atividades cotidianas, essa criança com certeza terá mais facilidade em ser alfabetizada do que uma que não tem, vejamos o que Emília Ferreiro nos fala: “Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começam a alfabetizar-se muito antes” (FERREIRO, 1999: 23).

Se a alfabetização é entendida como processo de construção de conhecimentos, concordamos então que há todo um processo de interação criança-meio social e escolar. Essa interação acontece bem antes de a criança entrar na escola, pois a leitura real acontece quando ela explora o meio que vive, tendo suas origens a escrita nos rabiscos que a criança faz tentando representar a realidade, vejamos a reflexão: “Nossa atenção deve centrar-se na competência lingüística, nas capacidades cognitivas da criança e na forma de estabelecer uma rica interação da criança com o meio e com a escrita também” (VEIGA e CARDOSO, 1995: 102).

CONCLUSÃO

É interessante observarmos como ocorre o processo de alfabetização de uma criança, as formas que a mesma usa para aprender a ler e escrever, o mais curioso é que o processo acontece passivamente pois a criança não espera que alguém lhe diga quando começar a aprender alguma coisa. Ela interage com o meio, ela constrói seu pensamento, cria seu mundo, organiza suas idéias. Assim, ela aprende a falar, a andar, e isso também acontece em relação à leitura e à escrita. Ou seja, convivendo com a língua escrita, a criança à sua maneira e conforme suas possibilidades, tenta compreender o que essa escrita representa e de que forma representa algo e ela faz isso porque compara.

Um dos momentos mais interessantes deste trabalho foi uma pesquisa de campo realizada em uma escola pública estadual do município de Pontes e Lacerda – MT através de entrevistas em anexo, com três professoras alfabetizadoras.

A professora “A” tem uma visão bem diferenciadas das professoras “B” e “C”. A alfabetizadora “A” adota métodos coerentes aos suportes teóricos de sua formação profissional atualizando e crescendo junto aos seus alunos.

As professoras “B” e “C” querem mudar a metodologia de ensino, é claro que o procedimento delas é bem diferente do professor tradicional, porém as mesmas ainda não têm um suporte teórico, uma visão entendida como processo de construção de conhecimento que analisa e considera a realidade de seus alunos, no momento

também estão estudando, o que ajudará muito para o crescimento do seu trabalho e de seus discentes.

Sendo a finalidade maior desta pesquisa mostrar a importância do ato de ler quando uma criança está sendo alfabetizada, apesar do despreparo de alguns educadores, muitas vezes não porque estão acomodados, mas por falta de oportunidades, de recursos financeiros e de uma política educacional que possa investir mais na capacitação e formação continuada do professor alfabetizador, para que o mesmo possa motivar a criança ao prazer pela leitura, para que ela seja capaz de expressar-se por escrito.

Apesar uma criança a ler não é só procurar transmitir um método ou um saber; é possibilitar que ela construa as estratégias necessárias para utilizar a escrita quando quiser brincar, agir e comunicar-se. Isso faz com que o aluno aprenda a ler naturalmente, talvez da mesma forma como ele aprendeu a falar.

Alfabetização – um processo em construção: o professor constrói junto às crianças e deixa de ser um mero transmissor de conteúdos e métodos e assume a postura de orientador, de facilitador da aprendizagem somente o professor-alfabetizador sabe o que fazer num determinado momento para ajudar a criança a aprender a ler e despertar o interesse pela escrita.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

BARBOSA, José Juvêncio. *Alfabetização e Leitura*. São Paulo: Cortez, 1990.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetizando sem o Bá – Bé – Bi – Bó – Bu*. São Paulo: Scipione, 1999.

FRANCHI, Eglê Pontes. *Pedagogia da Alfabetização: da oralidade à escrita*. 4 ed.. São Paulo: Cortez, 1988.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. 41 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FERREIRO, Emília. *Com todas as letras*. 7 ed. São Paulo: Cortez, 1999.

LEMLE, Mirian. *Guia Teórico do Alfabetizador*. 8 ed. São Paulo: Ática, 1994.

MARTINS, Leda Maria. *500 anos de educação no Brasil*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SEVERIVO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho Científico*. 21 ed., São Paulo: Cortez, 2000.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Cardoso, Maria Helena Fernandes (orgs.) – *Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico* (Escola Fundamental – Currículo e ensino). 2ed. Papirus, São Paulo, 1995.

ANEXOS

- 1- Quanto tempo leva para que uma criança possa ser alfabetizada ?
- 2- Para que uma criança seja alfabetizada ela tem que querer ou esse processo acontece lentamente sem que ela perceba?
- 3- O processo de alfabetização acontece através de um ou mais métodos? Explique.
- 4- Como você trabalha a leitura e a escrita?
- 5- Quais são as maiores dificuldades que o professor enfrenta para alfabetizar?
- 6- Qual é a sua sensação ao ver o resultado de um trabalho na alfabetização que deu certo?
- 7- Quais os suportes teóricos para o seu trabalho na alfabetização?
- 8- Espaço livre para observações ou comentários.

1- Segundo estudiosos, como Cagliari e Goraldo o período de alfabetização da Braille, vai da 1ª a 4ª série de ensino fundamental.

2- Na minha opinião a deu pontos importante, além do querer da criança. O primeiro: o professor tem que gostar do que faz, voltar sem pre que far preciso ao ponto de partida mas com novas metades. O segundo ponto é usar de varios argumentos para fazer com que a criança cinto o gosto, pela escola.

3- No processo de alfabetização, não existe receitas prontas e acabadas. O que existe são métodos que o professor usa de acordo com a realidade de cada criança.

Pois numa sala de aula cada uma das criança tem o seu jeito de aprender e de ser.

4- Na escrita preciso trabalhar as formas que estão de acordo com a realidade das alunos, que é a letra caixada alta, não deixando de trabalhar também a manuscrita, para não correr o risco de aluno após a ser um aliado no futuro.

Quanto a leitura não trabalho o silábico desde início preciso por os alunos em contato com textos, ex: textos e simbólicas. Ex: musica, história em quadrinho, rótulos, revistas, jornais etc.

5. As dificuldades são várias, na própria escola, a falta de material, a grande número de alunos na sala de aula. É talvez o que mais atrapalha e o baixo salário, não pelo dinheiro, mais pela necessidade do professor ter outro meio de ganhar dinheiro, para suprir suas necessidades financeiras. Com isso não pode se dedicar inteiramente a escola.

6. É maravilhoso e gratificante. Passa dizer que é o elixir para enfrentar o novo ano.

7. Além da paixão que tenha pela alfabetização. Estou curando A DEAD, qual o objetivo principal é a especialização do professor nas séries iniciais 1ª e 2ª série do Ensino Fundamental.

Pariso procura aplicar os métodos do curso na prática pedagógica do dia-a-dia, em sala de aula.

Observações:

Não há Educação sem amor. Dis Paula Freire. Pariso que a educador tem que ser, para a educanda alguém que transmite a ele, as lições e conteúdos com amor.

Isso só será possível se o educador dominar o método, que ele deseja aplicar, em sua sala de aula.

1- Quanto tempo leva para que uma criança possa ser alfabetizada?

Depende muito de cada criança, alguns em 90 dias, já têm pequenas palavras.

2- Para que uma criança seja alfabetizada ela tem que querer ou esse processo acontece lentamente sem que ela perceba?

Sem sim, que haver interesse por parte da criança, o resto acontece.

3- O processo de alfabetização acontece através de um ou mais métodos? Explique.

Vários. O professor deverá estar atento, quando um método não estiver dando certo, deverá buscar outros.

4- Como você trabalha a leitura e a escrita?

Através de cartazes, fichas, gravuras, lousa.

5- Quais são as maiores dificuldades que o professor enfrenta para alfabetizar?

A falta de auxílio de alguns pais.

6- Qual é a sua sensação ao ver o resultado de um trabalho na alfabetização que deu certo?

É muito bom, isso cresce a cada resultado positivo.

7- Quais os suportes teóricos para o seu trabalho na alfabetização?

Cartazes, revistas, jornais, gravuras, fichas etc.

8- Espaço livre para observações ou comentários.

No processo de alfabetização, o professor deverá ter na sala de aula, vários pontos de referência para o aluno, como cartazes ilustrativos, figuras indicando tal letra, símbolos etc.

- 1- Quanto tempo leva para que uma criança possa ser alfabetizada?

Em relação a escrita e a leitura,
de acordo com a criança, (45 dias)

- 2- Para que uma criança seja alfabetizada ela tem que querer ou esse processo acontece lentamente sem que ela perceba?

É um processo onde a criança aprende de acordo com a sua capacidade, alguns são rápidos na aprendizagem, outros mais lentos. (varia de criança para ")

- 3- O processo de alfabetização acontece através de um ou mais métodos? Explique.

São vários os métodos utilizados, como:
lucratas, fichas, cartazes, etc.

- 4- Como você trabalha a leitura e a escrita?

Através de fichas e gravuras.

- 5- Quais são as maiores dificuldades que o professor enfrenta para alfabetizar?

A não participação dos pais na vida escolar dos filhos.

- 6- Qual é a sua sensação ao ver o resultado de um trabalho na alfabetização que deu certo?

Sensação de um bom trabalho realizado.

- 7- Quais os suportes teóricos para o seu trabalho na alfabetização?

São inúmeras as teorias sobre alfabetização, mas ainda continue pesquisando, e até o momento não tenho nenhuma definida.

- 8- Espaço livre para observações ou comentários.

É necessário ter amor em tudo que fazemos, para que tenhamos sucesso naquilo que queremos fazer.